

# (PÓS)MODERNIDADE E PROCESSOS FORMATIVOS: A SAUDÁVEL (IN)CONSISTÊNCIA DOS CASTELOS DE AREIA<sup>1</sup>

Maria Cristina Cardoso Ribas \*

## RESUMO

Na chamada pós-modernidade enfrentamos a crise do pensamento europeu: hermenêutica, estruturalismo, teoria crítica, filosofia analítica, noções como sujeito, niilismo, modos de conhecimento e desdobramentos na educação. Autores e escolas passam a ser considerados do ponto de vista da *continuidade* ou da *ruptura*, esta identificada ao pensamento pós-moderno (MARCONDES, 2008). Tal dicotomia é abalada quando o paradoxo dissolve o binarismo do pensamento. Referimo-nos às transformações da racionalidade que marcam o fim da modernidade (VATTIMO, 1998), sobretudo após a morte de Deus proclamada por Nietzsche. Encontramos ética e política confiada aos técnicos, democracia na mão de *experts*, contextos perpassados pelo fantasma da violência (PECORARO, 2005). Enquanto educadores, precisamos repensar a violência como não diálogo, o que significa entender que verdades científicas não são absolutas. A crise das dicotomias avança a história e estimula a reconstituição das identidades, processos não exclusivos da contemporaneidade. O pós-moderno é mais um modo de atuar no mundo e menos categorização associada à linearidade temporal. Tal formulação *ativa* o sujeito, possibilita-o reinterpretar a si e ao entorno, transformá-lo. A reflexão representa nosso esforço para entender os efeitos dessas (trans)formações; contextualizar experiências nas quais se constituem as identidades (JOSSO, 2004) e repensar literatura na inconsistente condição pós-moderna.

**Palavras-chave:** Pós-modernidade. (Trans)formação. Experiência. Literatura.

## ABSTRACT

### POSTMODERNITY AND TEACHER'S EDUCATION: THE HEALTHY INCONSISTENCY OF SAND CASTLES

The so-called postmodernity is about the crisis of European thought: hermeneutics, structuralism, critical theory, analytical philosophy, notions of subject, nihilism, types of knowledge and consequences in the educational field. Authors and schools are considered from the point of view of *continuity* or *rupture*, the latter identified with the postmodern thought (MARCONDES, 2008). Such dichotomy is shaken when the paradox dissolves the binarism in thought. We refer to the changes in rational thought at the twilight of modernity (VATTIMO, 1998), chiefly after God's death proclaimed by Nietzsche. Ethics and politics are entrusted to technicians, democracy to experts,

<sup>1</sup> O presente trabalho é um desenvolvimento do Projeto para o Prociência intitulado *Análise da rede conceitual que envolve o (pós)moderno e (re)leituras de literatura na contemporaneidade* e resultado dos estudos desenvolvidos no Grupo de Pesquisa Formação de Professores e Diversidades Culturais, da Faculdade de Formação de Professores da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), do qual sou líder

\* Doutora em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Profa. Adjunta e Chefe do Departamento de Letras da Faculdade de Formação de Professores da UERJ. Endereço para contato: Rua Dr. Francisco Portela, nº 1479, Patronato, CEP: 24435-005, São Gonçalo - Rio de Janeiro. maricrisribas@uol.com.br.

contexts are haunted by the ghost of violence (PECORARO, 2005). As educators, we need to rethink violence as non-dialogue, which means that scientific truths are not absolute. The crisis of dichotomies pushes history forward and stimulates identity reconstitution, a process not exclusive to the present times. The postmodern is a manner of acting in the world and less a category associated with temporal linearity. Such formulation *activates* the individual, allowing him to reinterpret himself and the world around him as well as change it. This work aims at understanding the effects of these transformations, contextualizing experiences in which identities are built (JOSSO, 2004) and rethinking literature in the inconsistent postmodern condition.

**Keywords:** Postmodernity. Change. Experience. Literature

*Não adianta escrever meu nome numa pedra/ Pois esta pedra em pó vai se transformar/ Você não vê que a vida corre contra o tempo/ Sou um castelo de areia na beira do mar.  
Nuvem passageira, Aquino (1976)*

*Nada se edifica sobre a pedra, tudo sobre a areia, mas nosso dever é edificar como se fora pedra a areia...  
Evangelho Apócrifo, nº 41, Jorge Luis Borges*

## Introdução

Entender a contemporaneidade (chamada pós-moderna a partir dos anos 1950) é um gesto que tem provocado espanto, desencanto, amargura aflitiva, perda da inocência, naufrágio do sonho da unidade (SEVCENKO, 1995); ao mesmo tempo traz à tona os catastróficos efeitos da técnica derivada da razão instrumental e mais uma série infindável de ausências ou sintomas da consumação/consumição da modernidade pós-revolução industrial. No período compreendido entre o fim da Segunda Guerra e o começo dos anos 1960 defrontamo-nos com a crise do pensamento europeu – a hermenêutica, o estruturalismo, a teoria crítica, a filosofia analítica –, que torna visível o baque de questões cruciais da tradição filosófica: sujeito, metafísica, niilismo, modos de conhecimento e seus desdobramentos nas práticas educacionais. Uma das decorrências é que autores e escolas passam a ser ingenuamente considerados do ponto de vista da *continuidade* – os herdeiros da modernidade – ou da *ruptura* com a tradição moderna e até mesmo clássica – esta identificada ao pensamento pós-moderno (MARCONDES, 2008).

O esquema dicotômico do pensamento, no caso, o par continuidade/ruptura, não dá conta dos

eventos, da ficção e das modalidades de sujeito contemporâneos; e, cada vez mais, tendemos à valorização do paradoxo que implode o binarismo de pensamento, já sinalizada por Octavio Paz (1984) em *A Tradição da Ruptura*.

Paz (1984) anuncia no Prefácio, do ponto de vista de um poeta hispano-americano, o movimento poético moderno e suas relações contraditórias com a chamada modernidade. A reflexão nos é muito útil por apontar o aspecto não historicista da literatura, sobretudo da poesia. Que dizem os poemas? Como se comunicam os poemas?

O poema é uma *máquina que produz anti-história*, ainda que o poeta não tenha essa intenção. A operação poética consiste em uma inversão ou conversão do fluir temporal: o poema não detém o tempo: o contradiz e o transfigura [...] o tempo passa diferente da história ou do que chamamos vida real. A contradição entre história e poesia pertence a todas as sociedades, porém somente na Idade Moderna manifesta-se de modo explícito (PAZ, 1984, p.11, grifos nossos).

Umberto Eco, à semelhança do crítico mexicano, quando se refere à prosa utiliza expressão semelhante: “O romance é uma máquina de gerar interpretações [...] Todo escritor deveria morrer. Para não perturbar o caminho do texto” (ECO,

1985, p. 12). Ambos entendem a condição que o texto literário tem de deslizar dos mecanismos de poder, dos enquadres temporais, do lastro documental e também da declarada intenção do autor. Tal ocorrência, possível pela participação conjunta dos leitores, desconstrói o testemunho autoral como garantia de verdade e desfaz o nexos causal literatura-história.

Esse entendimento é vital para o ensino de literatura a partir do momento em que compõe com uma visão não historicista do texto literário, a qual, por sua vez, desconstrói a periodização dos estilos de época em seus suportes mais explícitos: a linearidade temporal, a planificação da história e a submissão ao cânone.

Lembramos, ainda, que todo esse conjunto de efeitos parece apontar simplesmente para a ruptura da tradição, para a negação do passado, e isso, então, seria moderno. Voltando a Octavio Paz, constatamos a complexidade da questão. Após afirmar que tradição moderna da poesia implica em dizer que o moderno também é uma tradição, e uma tradição feita de interrupções, ele pergunta: “Se a ruptura é destruição do vínculo que nos une ao passado, negação da continuidade entre uma geração e outra, pode chamar-se de tradição àquilo que rompe o vínculo e interrompe a continuidade?” (PAZ, 1984, p. 17). Se é possível nomeá-la, então, como tradição da ruptura, o dado implicaria não somente negação da tradição, como também negação da própria ruptura, ou seja, de si mesma.

Pelo exposto podemos dizer que a contradição estará sempre presente e que modernidade é uma tradição polêmica por desalojar a tradição vigente, a qual, mais uma vez, é substituída por outra. Nessa perspectiva, o moderno não estaria ligado ao novo, mas ao diferente, ao plural, seria autossuficiente, pois a cada vez que aparece, fundaria sua própria tradição. E nessa dinâmica conceitual, o moderno de Paz, conforme entendemos, prepararia, pela paradoxalidade, a condição pós-moderna.

É possível, também, referir-se ao hoje como contemporaneidade. Nesse sentido, ou seja, nas referências particulares da atualidade, poderia ser “substituto do termo pós-moderno” (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 9). O autor chega à noção via Agamben (2009), “recuperando a leitura que Roland Barthes fez das *Considerações intempestivas*,

de Nietzsche, aproximando o contemporâneo ao intempestivo” (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 9).

O contemporâneo é o intempestivo, diz Barthes, [pois] o verdadeiro contemporâneo não é aquele que se identifica com o tempo, ou que com ele sintoniza plenamente. O contemporâneo é aquele que, graças a uma diferença, uma defasagem ou um anacronismo, é capaz de captar seu tempo e enxergá-lo. Por não se identificar, por sentir-se em desconexão com o presente, cria um ângulo do qual é possível expressá-lo. Assim, a literatura contemporânea não será necessariamente aquela que representa a atualidade, a não ser por uma inadequação, uma estranheza histórica, [...] Ser contemporâneo segundo esse raciocínio, é ser capaz de se orientar no escuro e, a partir daí, ter coragem de reconhecer e de se comprometer com um presente com o qual não é possível coincidir (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 9-10).

A quebra da linearidade temporal opera desconstruções em cadeia: vai implodindo a significação etimológica dos termos, do prefixo pós, dissolvendo a lógica sequencial da narrativa e trabalhando com nova contiguidade. Incide e mostra a insuficiência da visão historicista que institui a periodização dos chamados estilos literários; enfim, uma dinâmica que compõe com a implosão do modelo dicotômico de pensamento, ao mesmo tempo em que o inclui para transformá-lo. Ainda sobre o prefixo pós, Lipovetski também vai rejeitá-lo, dizendo que “No momento em que triunfam a tecnologia genética, a globalização liberal e os direitos humanos, o rótulo pós-moderno já ganhou rugas, tendo esgotado sua capacidade de exprimir o mundo” (LIPOVETSKI, 2004, p. 52). O filósofo francês decreta o óbito da pós-modernidade e desenvolve seu pensamento afirmando que, embora nem tudo funcione na medida do excesso, de alguma forma sujeitos e eventos não são poupados pelas lógicas do extremo. É quando constata que “Tudo se passa como se tivéssemos ido da era do pós para a era do hiper” (LIPOVETSKI, 2004, p.56, grifos do autor).

O presente *ensaio* – no duplo sentido que o termo permite – é um primeiro resultado do nosso projeto para o Prociência, da UERJ, e trata-se de um estudo teórico, com ênfase em análise de conceitos. Esperamos que a presente reflexão sobre a rede conceitual que envolve as categorias nome-

adas como pós-moderno, condição pós-moderna, contemporaneidade, hipermoderno possa contribuir para aulas mais consistentes – mesmo em terrenos que primam pela inconsistência – como é o caso do ‘pós-moderno’, termo que desliza até mesmo do que se propõe nomear.

### **A rede conceitual que envolve o ‘pós-moderno’**

O paradoxo inclui a contradição para transformá-la, já que, em termos do pós-moderno, entendê-lo como superação do moderno implicaria manter-se no mesmo ponto – já que superação é uma categoria moderna. Em lugar da superação, portanto, preferimos a *dissolução* que se aproxima da dinâmica não de destruir, mas transformar (VATTIMO, 1996). Buscaremos, então, baseados na perspectiva interdisciplinar da teoria literária, entender as conceituações de pós-moderno e suas implicações na formação docente, com o objetivo de trabalho com leitura e literatura.

A rede conceitual que envolve o pós-moderno acrescenta, ao modelo binário dos pares antitéticos, a dimensão fluida e granulada, não totalizante, enfim, a *ambivalência* do pensamento (BHABBA, 2010). O século XX, dentre outras convulsões, foi um cenário de enfraquecimento progressivo de oposições, inclusive do par racional e irracional, conflito que parece, hoje, e cada vez mais, dissolver-se numa nova forma de racionalidade: o pluralismo contemporâneo. Vale ressaltar que, em termos filosóficos, o paradoxo inclui a contradição para transformá-la e, assim, a dissolução das oposições passa, também paradoxalmente, pelo esquema binário do pensamento.

Interessante dizer, dentre outras considerações, que o termo pós-moderno, a partir dos anos 1950, desconstrói a noção de origem como resultado das tendências filosóficas da contemporaneidade. Mesmo assim, há um procedimento consensual que busca historicizar a “primeira vez” em que o termo teria sido empregado, em que circunstâncias e com que sentido específico, embora a maioria dos críticos reconheça o mal-estar que o termo provoca.

Rouanet indica que o termo pós-moderno, no campo da literatura, foi usado pela *primeira vez* por

Federico de Onis, em 1934, na 2ª edição de uma antologia de poesia espanhola e hispano-americana de **1882-1932** (Op. Cit. MELLO, Elson R. de, 1994). Entretanto reconhece que a utilização do termo não necessariamente formula uma categoria conceitual. Heloísa Buarque de Hollanda (1991, p. 7) declara que é raro uma expressão causar tanto desconforto, já que a abrangência do termo sugere não haver uma via única de definição ou um eixo central de questões, mas, ao contrário, uma “expressiva heterogeneidade de colocações, tensões e campos de interesse” (HOLLANDA, 1991, p. 8). E, continua ela, se é possível listar tais discussões, a sensibilidade pós-moderna dirige suas forças para a desconstrução sistemática dos mitos modernistas, o questionamento do iluminismo na identidade cultural do ocidente, o problema da totalidade e do totalitarismo, a perda da credibilidade nas metanarrativas fundadoras, o processo de erosão e desintegração das categorias que foram critério-chave da estética moderna – inclusive aquelas tão importantes para os estudos literários, como a já mencionada linearidade temporal, e as noções de identidade e autoria, tradição e ruptura, novo, vanguarda e tradicional. A outra ruptura nevrálgica seria a referente à quebra da divisão categórica entre as chamadas culturas erudita e de massa, discurso dominante da estética modernista entre o final do século XIX e os primeiros anos do século XX, e que retorna, com vigor, nas duas décadas posteriores à Segunda Guerra Mundial.

Sevcenko (1995) lembra que o pós-moderno é um conceito que supõe uma reflexão sobre o tempo, mas uma temporalidade não linear, não homogênea, em que não se pode fixar uma data decisiva, um ato inaugural, tampouco uma superação ou um fim. Para Lyotard (1986), “o pós-moderno, enquanto condição da cultura nesta era caracteriza-se pela incredulidade perante o metadiscurso filosófico metafísico, com suas pretensões atemporais e universalizantes” (1986, viii). Logo depois, acrescenta o traço informático-informacional ao conceito, na busca de estabelecer compatibilidades entre linguagem e máquina informática e seu impacto sobre a ciência.

Eagleton, inicialmente, diferencia pós-modernismo e pós-modernidade. Diz que “a palavra pós-modernismo refere-se em geral a uma forma

de cultura contemporânea, enquanto o termo pós-modernidade alude a um período histórico específico” (EAGLETON, 1998, p. 7). A seguir, assume o termo pós-modernismo para aludir a ambos os sentidos.

Nesse viés, pós-modernismo corresponderia a uma modalidade cultural que expressaria as mudanças na sociedade de massa “por meio de uma arte superficial, descentrada, infundada, auto-reflexiva, divertida [...], eclética e pluralista, que obscurece as fronteiras entre a cultura elitista e a popular” (EAGLETON, 1998, p. 7). Por seu turno, a pós-modernidade diria respeito “ao questionamento das noções clássicas de verdade, razão, identidade e objetividade, a ideia de progresso ou emancipação universal, os sistemas únicos, as grandes narrativas ou os fundamentos definitivos de explicação” (EAGLETON, 1998, p. 7). A radicalidade, melhor dizendo, esse entendimento ou modo de ver, teria suas bases na mudança histórica ocorrida no Ocidente para uma nova modalidade do modo de produção capitalista: “para o mundo efêmero e descentralizado da tecnologia, do consumismo e da indústria cultural, no qual as indústrias de serviços, finanças e informação triunfam sobre a produção tradicional” (EAGLETON, 1998, p. 7). Nesta perspectiva, a clássica e bem-definida política de classes daria lugar a uma colocação difusa de políticas de identidade. E isso porque a lógica ‘fundamentalista’ do mercado “é de prazer e pluralidade, do efêmero e descontínuo, de uma grande rede descentrada de desejo da qual os indivíduos surgem como meros reflexos passageiros” (EAGLETON, 1998, p. 8).

Posteriormente, o teórico vai se perguntar sobre o conceito de pós-modernismo. A sua resposta-indagação sobre a possível origem do termo abre-se em múltiplos tentáculos e em seu próprio percurso desmonta a possibilidade de estabelecê-la com precisão:

De onde mais o posmodernismo poderia brotar – da sociedade industrial, do último fator de descrédito da modernidade, da recrudescência da vanguarda, da transformação da cultura em mercadoria, da emergência das novas forças políticas vitais, do colapso de certas ideologias clássicas da sociedade e do sujeito? (EAGLETON, 1998, p. 30).

Se por um lado não há como reduzir o termo a um valor absoluto, porque ele não daria conta de

tanta diversidade, por outro há o risco do oposto. Por isso, mais adiante Eagleton faz nova provocação a respeito do outro extremo, e joga, ironicamente, para o seu leitor, o relativismo do conceito: “Se o pós-modernismo cobre tudo, desde o punk à morte da metanarrativa, dos fanzines a Foucault, como conceber que um único esquema explanatório possa fazer justiça a uma heterogeneidade tão fantástica assim?” (EAGLETON, 1998, p. 30).

Se há algo a ser esclarecido no pós-moderno, é se essa transformação e crise de paradigmas tem formulado outras formas estéticas nas várias artes ou se ela, predominantemente, “recicla técnicas e estratégias do próprio modernismo, reinscrevendo-se num contexto cultural modificado” (HUYSSSEN, 1991, p. 21), e por isso estaria no plano da repetição em outros contextos.

Boaventura (2010) conta que começou a usar as expressões pós-moderno e pós-modernidade em meados da década de 1980, num contexto de debate epistemológico, considerando que “o paradigma epistemológico e o modelo de racionalidade davam sinais de exaustão” (SANTOS, 2010, p. 25). Adiante, afirma que “No início da década de 1990, o acúmulo das crises do capitalismo e do socialismo nos países do Leste europeu levaram-me a ampliar o conceito de pós-moderno e pós-modernidade” (SANTOS, 2010, p. 26). Boaventura está dizendo que o paradigma inicialmente por ele considerado – o epistemológico – dá lugar a um novo paradigma social e político, no qual o esforço seria pensar a transformação social para além do capitalismo e das alternativas teóricas e práticas do modernismo ocidental.

O alargamento do seu enfoque demonstra um objetivo mais nítido para lidar com o tema. Vale ressaltar que o sociólogo faz questão de contrapor a sua definição de pós-modernidade ao pós-modernismo celebratório, e por isso chamou-o pós-modernismo de oposição. Adiante ele afirma que mesmo assim a designação nunca o satisfaz, por conta de que “a hegemonia do pós-moderno celebratório tornou virtualmente impossível fazer vingar a alternativa do pós-moderno de oposição” (SANTOS, 2010, p. 27).

Como foi possível constatar nesse breve panorama, um ponto consensual entre a maioria dos autores citados é que: como teoria, o pós-modernismo

não constitui um corpo teórico acabado, próprio, estruturado, ainda que marque vários discursos e linguagens (MELLO, 1994); quanto a nós, entendemos o problema não como obstáculo, mas como desafio; isso porque um *corpus* definido, enfim, a rigidez conceitual impediria justamente a fluidez, o dinamismo, a impermanência e a abrangência do termo. No caso, o enquadre não seria produtivo; em outras palavras, o teor preciso e absoluto, a normatização do pós-moderno corresponderiam à fetichização do conceito (ECO, 2004) e não dariam conta da abrangência e multiplicidade que marcam a chamada pós-modernidade como "império do efêmero" – expressão de Lipovetski (1989) em relação à moda.

Sabemos, por outro lado, que a tentação de cair no extremo relativismo pode levar a uma espécie de vale-tudo teórico, um *anything goes* que comprometeria a seriedade da pesquisa. Contudo, com todos os limites, riscos e impossibilidades aqui enumerados, temos profundo interesse neste estudo, por conta do nosso esforço para entender a contemporaneidade, as diversidades culturais, sobretudo quando se trata de processos formativos discentes e docentes nas áreas de Letras e Educação. Toda essa problemática, como iremos trazendo ao longo das discussões teóricas, incide diretamente sobre o ensino de literatura, sobre os professores/leitores em formação, enfim, sobre a própria leitura.

Dentre inúmeras questões, voltamos nosso olhar para como ensinar literatura, como ler, como pesquisar sobre o passado e operar releituras da tradição e do cânone no presente – essa a forma possível de acessar e atualizar o que se foi. Enfim, como construir modalidade emancipatória (SANTOS, 2006) de ensino num contexto (pós-moderno) de impermanência, aceleração, descartabilidade? E endossando a preocupação de Boaventura, com o compromisso de não converter a ideia de transformação emancipatória numa outra forma de opressão social.

Tudo isso explica o esforço, em nossa pesquisa, de melhor compreender a rede conceitual que envolve o pós-moderno e sua inserção na questão educacional da contemporaneidade, com ênfase, repetimos, nos processos formativos no diálogo Educação/Letras – fronteira em que nos sentimos

mais à vontade para transitar, por conta da nossa própria atuação e pesquisa.

Vivemos num país com forte memória de colonizado e nesse contexto a emancipação é vital ao desenvolvimento. Precisamos contribuir com a formação de cidadãos autônomos, e num modo de produção em que o livre-arbítrio pode representar um simulacro da opressão. E, como docentes, temos procurado transitar em um espaço fronteiro, aberto a diálogos, receptivo às diversidades culturais. O exercício da leitura, o estudo da produção literária dita canônica e periférica, o questionamento do cânone, o conhecimento e o respeito às diversidades culturais, o ensino da ética e da integridade no espaço da convivência têm sido alimento vital à nossa prática.

### **Nilismo e pós-modernidade: o fim da história, a morte de Deus, a errância do homem**

Não podemos voltar a pensar a transformação social e a emancipação sem reinventarmos o passado. (SANTOS, 2010, p. 53).

Ao mencionarmos, na Introdução deste capítulo, a dissolução do esquema binário de pensamento, estamos falando da *razão contemporânea*; referimo-nos às transformações da racionalidade que marcam o fim da modernidade, sobretudo aquela após a morte de Deus proclamada por Nietzsche; morte que, em nossa leitura, representa o avesso do silenciamento, conformismo, paralisia ou, como propõe Vattimo (2005), uma recusa à busca da origem ou do fundamento para explicação dos eventos e a opção pela *proximidade*.

O pensamento de proximidade poderia ser definido como *errância*, no duplo sentido que a palavra permite – em oposição a acerto e com significado de caminhar com e sem destino previamente anunciado. Errância é devir e, como tal, exige abertura, flexibilidade, tolerância consigo próprio e o entorno. Ressaltamos que "errar" não é ignorar o não-verdadeiro nem passar ao largo das questões sobre o real, mas encarar as construções – simulacros – da metafísica, da moral, da religião, da arte, todo esse tecido de erronias que constituem

a riqueza ou, mais simplesmente, o ser da realidade em tempos de impermanência (VATTIMO, 1992, p. 176).

A citada recusa ao fundamento, à origem como movimento de explicação dos eventos e subjetividades, em outras palavras, o "fim da história", não deve ser entendido como o "aniquilamento do ser humano provocado pelo surgimento e desenvolvimento da técnica moderna" (VATTIMO, 2005, p. 73). Nesse caso, sugerimos substituir a visão apocalíptica pelo olhar mais objetivo e integrado ao contexto. Nesse viés, o que se dissolve é a ideia de história como processo linear, sequencial, contínuo e em direção ao futuro identificado como progresso, noção historicista que ainda hoje persiste – como podemos constatar no ensino de literatura que insiste na periodização, os chamados estilos de época.

Jameson (1991), referindo-se à periodização dos anos 1960, faz uma justificativa teórica da periodização na escrita da história (que estendemos para a história da literatura): a esquematização periódica pressupõe a vigência de uma afinidade, de uma homogeneidade ou identidade maciças dentro de determinado período; o critério de valoração ou mesmo de existência de determinado produto dentro deste enquadre é a comparação com o cânone – modelo estabelecido por um grupo hegemônico. Vale dizer que tal esquema linear, diacrônico, é resultado de uma visão historicista dos fenômenos sociais e produções culturais, agregando-as por semelhança; além disso, não há tensão entre os componentes enquadrados e o que desliza do cânone é desconsiderado.

Ainda para desconstruir a periodização, em seu pressuposto historicista, trazemos a seguir uma das teses sobre o conceito de história, de Walter Benjamin (1994), publicada após a sua morte, em 1940. O pensador da Escola de Frankfurt faz, na época, uma reflexão crítica sobre o discurso da(s) história(s) enquanto modalidade inseparável da práxis política. Para Benjamin, em vez de olhar para uma imagem eterna do passado, como o historicismo, ou para o futuro, identificado à ideia de progresso, o autor deve constituir uma experiência (*Erfahrung*) com o passado (tese 16).

Benjamin toma o quadro de Paul Klee, *Angelus Novus*, de 1920 (tese 9), e expressa uma cadeia de

percepções produzidas pela queima das utopias. A técnica derivada da razão instrumental cumprira o avesso do esperado e "ao invés de libertar, submetera os homens ao império da máquina genocida, dotada de uma capacidade destrutiva sem precedentes" (SEVCENKO, 1995, p. 98). O anjo da história seria um novo que traz consigo a decrepitude, anuncia destruição, mescla passado e futuro nas ruínas do presente.

Há um quadro de Klee que se chama *Angelus Novus*. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boa dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ser assim. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa aos nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso (BENJAMIN, 1994, p. 226).

Entendemos que a metáfora representa "a própria condição do artista e do intelectual depois que o sonho modernista perdeu sua inocência" (SEVCENKO, 1995, p. 50). O olhar é aturdido diante das ruínas à sua volta, talvez um *mea culpa* por conta da cumplicidade silenciosa nos eventos destrutivos da humanidade – um anjo cujo castigo é assistir, paralisado, ao esfacelamento do tempo, à degradação de si mesmo e do mundo, à implosão da solidez em fragmentos, melhor dizendo, em cacos.

Obviamente tal nível de dissolução provoca ruínas. Analogamente, a implosão (moderna) estende-se à linearidade temporal presente nas grandes narrativas e propicia que novas condições – não historicistas – se instaurem. Assim feita, uma leitura – da tese e do quadro – que transforme o choque, o aturdimento vivido na modernidade, a autodestruição em atitude inovadora, permitindo que a tese de Benjamin aponte para o reverso da crise e, completamente, para "anunciar", ante a descrença na modernidade ainda vigente, salvaguardadas

as diferenças, a *condição pós-moderna* como, posteriormente, se refere Lyotard (1986).

Para Boaventura, “Trágico é, pois, o fato de o anjo da história moderna retirar ao passado a sua capacidade de explosão e redenção. Tornando impossível o inconformismo dos mortos, torna impossível o inconformismo dos vivos” (SANTOS, 2010, p. 54). Em princípio, a ideia de reposicionar o anjo da história e reinventar o passado, segundo o próprio Boaventura, parece impossível porquanto a cena tenha sido congelada por séculos de hegemonia da teoria modernista de história. Ao mesmo tempo, ele arrisca dizer que “este início de século e de milênio oferece uma oportunidade para romper esse dilema” (SANTOS, 2010, p. 54) e que esta oportunidade residiria na crise por que a noção de progresso está passando hoje. Termina falando da sua suspeita sobre o anjo de Paul Klee: de que ele tenha deixado de ser um anjo trágico para se tornar marionete em posição de descanso.

Por esse viés, a citada cadeia de crises do pensamento moderno prepara o pós-moderno dentro da sua própria vigência; crise que inclui a nietzschiana morte de Deus e comporia não um niilismo reativo (da nostalgia, paralisia, ressentimento, relativismo extremado), mas um niilismo ativo (consumado), “que assume a perda da verdade e o fim dos valores supremos e que deles extrai a força para se tornar o pressuposto e o movente de um processo de libertação e criação” (PECORARO, 2005, p. 55-56). O niilismo seria ativo ao demandar, por partes dos sujeitos assim constituídos, postura não estática, mas em descanso ou em suspensão momentânea. E ao armazenar ou produzir instrumentos à dinâmica da transformação, com olhos bem abertos, observatório em constante redimensionamento. Trazendo o foco – da pós-modernidade – para o nosso contexto de país considerado em desenvolvimento, transcrevemos trecho de conferência de Edgar Morin (14-07-2009), *Une pensée Du Sud*, pronunciada na Academia Brasileira de Letras:

[...]o pensamento do Sul é um vir-a-ser, um pensamento a ser elaborado. Algo que ultrapassa fronteiras ao mesmo tempo em que transita por elas [...] É

urgente ter outra relação com a natureza que não seja a domesticação, com a religião que não seja fê cega. Urge uma racionalização aberta em vez de uma lógica fechada, implacável. É vital a regeneração, a capacidade crítica e teórica[...]a racionalidade fechada produz uma irracionalidade feroz [...] (MORIN, Edgar).<sup>2</sup>

Diante do procedimento de leitura pelo avesso que descrevemos duas vezes – na declarada morte de Deus e na tese de Benjamin inspirada no quadro de Paul Klee –, encontramos os ventos da pós-modernidade; não só pela radicalização dos efeitos, mas pela possibilidade de releitura destes efeitos. O procedimento propõe a reversão do senso comum, convoca as sociedades para uma unidade tecida na diversidade.

Conforme mencionamos no início, em termos filosóficos não é mais possível sair da modernidade pensando em superá-la, porque superação, de ordem temporal, é uma categoria moderna (PECORARO, 2004) e tal movimento nos manteria com os mesmos preceitos, seria procedimento tautológico. Por isso Nietzsche, habilmente, não supera, mas, conforme entendemos, “dissolve” a noção de Deus, já que o fundamento não mais funciona como suporte à verdade.

Devemos, então, não supostamente “superar”, mas operar com “dissoluções” – que incluem o componente, este dissolvido em outra coisa – e construir outros caminhos. Essa virada, transformação, configuraria a pós-modernidade. E completamos: nesse desenho, o pós-moderno poderia marcar não somente alguma novidade em relação ao moderno, nem apresentação (inédita) de uma etapa diferente, mas sim a dissolução da categoria de novo, de progresso, como experiência de fim da história. Entender as sociedades contemporâneas nos exige transitar no plano multidimensional da simultaneidade. Diante de nossos olhos, encontram-se, avizinados e expandidos em escala mundial pelos meios de comunicação de massa, tanto o mais previsível quanto o mais inesperado.

Parafraseando Pecoraro (2005), vemos a ética e a política confiada aos técnicos – que Bauman (1999) chama de peritos –, a democracia na mão

<sup>2</sup> Conferência *Une pensée Du Sud*, pronunciada na Academia Brasileira de Letras, com Cícero Sandroni e Cândido Mendes, 14-07-2009.



dos *experts*, além de os cenários individuais e coletivos estarem perpassados, em distintas gradações, pelo fantasma da violência. Com o foco em nosso trabalho de educadores, a violência – como experiência compartilhada por todos direta ou indiretamente – precisa ser pensada em sua modalidade mais frequente: como silenciamento, interrupção do diálogo de perguntas e respostas (VATTIMO, 1996). Entendemos que, na formação de formadores, silenciar o outro sob o alibi da objetividade toma fôlego em nome de uma verdade dogmática, vem travestido de conhecimento superior, respaldado por normas e fundamentos. É preciso, antes de tudo, compreender os efeitos do modo de produção capitalista em que estamos imersos, modelo que banaliza a reflexão científica e reduz a prática docente às ideologias do consumo.

Vivemos um fundamentalismo de mercado e o consumismo (des)configura nossas práticas. Lidar com esse impasse exige entender que as verdades científicas – e as decorrentes categorias – são perspectivadas e, enquanto práticas discursivas ideologicamente comprometidas, têm seus valores dentro de horizontes de linguagem eivados de leis e premissas.

Enfim, a crise dos paradigmas e dicotomias a que nos referimos desde o início – desconstrução da razão, niilismo, metamorfose dos valores –, nós a entendemos como crises que abalam a visão historicista, ao mesmo tempo em que transformam a história e estimulam a reconstituição das identidades. Sabemos que fragmentação, efemeridade, dissolução integram processos identitários, subjetivos e sociais, ao longo da história da humanidade, ou seja, não são fenômenos exclusivos da contemporaneidade. Ocorre, hoje, que o superdesenvolvimento das mídias leva à circulação/promoção dos eventos à máxima potência, o que contribui para a sensação de extremismo, fantasia de integração global plena, dentre outros efeitos. Além disso, essa outra forma de racionalidade soa-nos como dissolução de alguns valores “do passado”, simultânea à eclosão “presente” de outras possibilidades significativas. Ainda sobre fragmentação e descentramento do sujeito pós-moderno, lembramos a ressalva do próprio Stuart Hall (2005), quando afirma que uma identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia – em qualquer época.

Por isso dizemos que se a propalada fragmentação da pós-modernidade remonta a despedaçamento, falência múltipla de pensares e órgãos, queda literal e metafórica de muros e torres, anjos aturdidos, também pode ser entendida como outra forma de conceber e atuar no mundo – que não supera a maneira moderna, mas a “dissolve”; outra racionalidade, também condicionada, que supõe saltos em múltiplas direções; outros sistemas de significação e representação cultural; percepção da insuficiência das utopias para preenchimento do vazio existencial; e vivência do luto, mas com recusa à imersão no pessimismo e na melancolia romântica de quem quer ficar preso num suposto passado.

Passamos, então, a lidar com a evanescência das categorias, inclusive dos sujeitos, o que é um alarme para nós, formadores de formadores. Ante tal instabilidade, experienciamos a urgência de estimular *modus operandi* que inclui responsabilidade, projeto e ação, em lugar de seus respectivos pares: culpabilização, utopia e esperança.

Por esses vieses, entender a contemporaneidade (como pós-moderno não celebratório) é mais uma forma de ler e colocar-se no mundo, e não consentir sem consciência as promessas sedutoras do mercado, não acreditar no *livre arbítrio* consumista, no princípio sem princípios da livre troca. O itálico na expressão vem sinalizar, então, mais uma brecha nas contradições do pós-modernismo: ser radical e conservador, produto das sociedades capitalistas avançadas, simultaneamente libertárias e autoritárias, hedonistas e repressoras, múltiplas e monolíticas – conforme a crítica de Terry Eagleton (1998). A radicalidade do pós-modernismo seria, então, desafiar um sistema que paradoxalmente ainda precisa de valores absolutos, fundamentos metafísicos e sujeitos autoidênticos; assim, mobilizaria o paradigma oposto, ou seja, a pluralidade, a não identidade, a transgressão, o antifundamentalismo, o relativismo cultural. A brilhante conclusão de Eagleton reconhece a engenhosidade da estratégia: o pós-modernismo, ao funcionar na contramão dos preceitos absolutos, propõe, ao menos em nível da teoria, uma subversão do sistema de valores dominante. Mesmo porque, quanto mais as forças de mercado ameaçarem subverter a estabilidade, mais precisaremos insistir nos valores tradicionais.

## Tudo que é sólido (ainda) desmancha no ar: abalos nos processos formativos

Todas as relações fixas, enrijecidas, com seu travo de antiguidade e veneráveis preconceitos e opiniões foram banidas: todas as novas relações se tornam antiquadas antes que cheguem a ossificar. Tudo que é sólido se desmancha no ar, tudo que é sagrado é profanado, e os homens são finalmente levados a enfrentar [...] as verdadeiras condições de suas vidas e suas relações com seus companheiros humanos (MARX, **Manifesto Comunista**, op. cit BERMAN, 1986, p.20).

Temos consciência tanto da amplitude da nossa leitura, quanto de seus limites. Repetimos: entender a pós-modernidade representa o risco de mais um enquadre, já dentro de outros, além de lidar com outros paradigmas que incluem mesmo aquele que se pretende dissolver. Ainda hoje, no século XXI, temos vivido o ditame do velho Marx: tudo que é sólido desmancha no ar – experiência que, para nós, não tem sido vivida somente no eixo da metáfora.

Feita as ressalvas, dizemos que a citada consciência dos limites, muitas vezes um tiro no próprio pé, ativa o sujeito que, em vez de postar-se na perda de si, exerce a possibilidade de reinterpretar a si e ao entorno, descobre-se inserido no mundo e toma consciência do seu papel criador (PECORARO, 2005). Afirmamos, ainda, que recusar uma concepção estável, absoluta, homogênea e objetiva da realidade social e subjetiva, por um lado, não significa mergulhar no mais desenfreado relativismo, e por outro, como já dissemos, implica em substituir, dentre outras, a noção de culpa por responsabilidade. Se o remorso culposo leva à paralisia, à inércia, alimenta-se de si mesmo, a noção de responsabilidade exige a consciência necessária ao autoexame e viabiliza a mudança, a reescritura dos eventos, das histórias de vida, propicia o movimento de sair do mesmo lugar. Elizeu Clementino sinaliza a importância dos olhares/falares de/para si:

[...] porque expressam diferentes aspectos simbólicos e subjetivos de cada história e das aprendizagens e experiências que são construídas ao longo da vida [...] O processo de falar para si mesmo – conhecimento de si – possibilita ao sujeito organizar sua narrativa através do constante diálogo interior,

através do processo de formação e de conhecimento (SOUZA, 2004, p. 393).

Buscamos, então, entender os efeitos dessas mudanças na dinâmica dos pensares que incidem, de uma forma e/ou de outra, na “formação de formadores”; e, considerando a nossa área – Letras – como um enfoque interdisciplinar da Teoria Literária – que traz consistência às análises, permite constituir sistemas teóricos –, contribui para o desenvolvimento dos processos formativos. Trazemos aqui a reflexão de Lyotard sobre os conhecimentos e sua apropriação no modo de produção capitalista:

[...] em vez de serem difundidos em virtude de seu valor ‘normativo’ ou de sua importância política (administrativa, diplomática, militar), pode-se imaginar que [os conhecimentos] sejam postos em circulação segundo as mesmas redes da moeda (LYOTARD, 1986, p. 7).

A nossa pesquisa é de ordem teórica, mas, conforme a entendemos, ela se desenvolve para que possamos, cada vez mais, nos aproximar do outro, compreender os processos formativos, a inserção das pessoas nos grupos sociais com que lidamos direta ou indiretamente.

Na nossa lida diária com formação de formadores, buscamos rever pressupostos teóricos fundamentais para o conhecimento de mundo e, no nosso caso, para o ensino de Literatura. Sabemos que as reformulações indicadas, por implodirem sólidos condicionamentos da própria formação, representam abalos no acervo cultural do professor, os quais reverberam no conhecimento de mundo, assim como na sua metodologia e prática de ensino. Contudo, como vimos falando reiteradamente ao longo deste trabalho, diante das crises provocadas pela dissolução de paradigmas, há que se reagir com um niilismo ativo. Nesse sentido as crises podem representar oportunidade de transformação.

A relevância do procedimento para o ensino (de literatura), ou seja, a releitura do abalo como possibilidade de construir algo diverso na metodologia e prática, existe na medida em que (1) oferece maior segurança ao professor para reformular suas aulas; (2) permite a releitura do discurso hegemônico sobre o que é literatura e o cânone; (3) inclui a leitura de textos e autores ‘desconhecidos’; (4) propõe releituras do cânone;

(5) minimiza a rigidez da distinção cultura erudita, cultura popular, cultura de massa; (6) instiga à reformulação de modelos absolutos para análise de textos poéticos e ficcionais; (7) expressa a urgência de transformar a metodologia de leitura; (8) propõe outra forma de ensinar literatura que não somente por meio da periodização; e (9) sempre estimulando o debate, o questionamento sobre os modelos e os próprios procedimentos por meio de um autoexame constante.

Consideramos fundamental, também, em relação ao que chamamos leitura de literatura – seria o 10º item –, transitar em fronteiras muito tênues: uma delas entre a multiplicidade interpretativa e o vale-tudo, este apoiado na crença de que a leitura/interpretação é totalmente subjetiva. (Se assim fosse, o texto funcionaria somente como um espelho a reproduzir o narcisismo do sujeito sempre prestes a se afogar). Outra corresponderia àquela entre a leitura/análise do texto literário e a sua redução a um modelo analítico que “sirva” somente para comprovar hipóteses de leitura (vale a provocação de como dissecar um sapo sem matá-lo).

E propomos, ainda, que esse conjunto de procedimentos seja praticado no esforço de responder (*reperguntar*) às demandas da contemporaneidade, a que chamamos, com Lyotard (1986), condição pós-moderna, a qual condicionaria a riqueza de uma nação ao saber tecnocientífico e, completamos, num movimento de, pela tecnociência, desfazer o desconcerto dos indivíduos (legado moderno) frente a si mesmos e ao entorno. Desconcerto no sentido de mal-estar: “Esses mal estares que eram a marca registrada da modernidade resultaram do excesso de ordem e sua inseparável companheira – a escassez de liberdade” (BAUMAN, 1998, p. 8).

Os procedimentos propostos em relação à leitura, portanto, demandam ao docente modalizar movimentos e propostas, compreender os contextos que os produziram e, via de mão dupla, analisar a interferência dos movimentos nos diferentes contextos.

Voltando à questão do tempo histórico, sabemos que não é possível trazer o passado como de fato ele foi. Da mesma forma que não é produtivo celebrar o presente como negação ostensiva do passado. Há modos de compreender o hoje sem a fugacidade excessiva que o torna imediatamente passado e sem

submetê-lo exclusivamente ao modelo da tradição. Conforme dissemos, a planificação da história e a concepção linear do tempo dirigem-se ao futuro, este identificado com a ideia de progresso – projeto da modernidade. Esses movimentos comprimem o presente. Com Boaventura, entendemos que o presente precisa ser alargado, expandido, para a emancipação social (SANTOS, 2000).

### **Concluindo... A expansão do presente: pós-modernidade e processos formativos**

A característica mais fundamental da concepção ocidental da racionalidade é o fato de, por um lado, contrair o futuro e, por outro, expandir o futuro. A contração do presente, ocasionada por uma peculiar concepção de totalidade, transformou o presente num instante fugidio, entrincheirado entre o passado e o futuro. Do mesmo modo, a concepção linear do tempo e a planificação da história permitiram expandir o futuro indefinidamente [...] proponho uma racionalidade cosmopolita [em lugar da razão indolente] que, nesta fase de transição, terá de seguir a trajetória inversa: expandir o presente e contrair o futuro. Só assim será possível criar o espaço-tempo necessário para conhecer e valorizar a inesgotável experiência social em curso no mundo de hoje[...] evitar o gigantesco desperdício da experiência. [...] Para expandir o presente, proponho uma sociologia das ausências: para contrair o futuro, uma sociologia das emergências (SANTOS, 2000, p.3).

Dentre os problemas já mencionados ao entendimento da contemporaneidade como pós-moderna, encontramos o procedimento de separar um conjunto de marcas históricas, eventos sociais e processos humanos como pós-modernos, em contraste àqueles pertencentes ao passado e que seriam reunidos sob a rubrica modernidade. Tal estabelecimento de limites é de ordem temporal e segue à risca a identificação do prefixo pós como algo posterior, o que reforçaria a linearidade temporal que é desconstruída na pós-modernidade. Além disso, o pós-moderno não pode limitar-se à mera rejeição, transgressão ou repetição da modernidade, ou ainda à desconstrução de seus mitos. Preferimos dizer que ele não implica uma mudança nos valores da modernidade iluminista, mas um enfraquecimento de seu caráter absolutista

(LACLAU, 1991), enfraquecimento que, por sua vez, promove a pluralidade, nos mais diversos níveis da condição pós-moderna.

Trazemos aqui a reflexão de Lyotard sobre os conhecimentos e sua apropriação no modo de produção capitalista:

[...] em vez de serem difundidos em virtude de seu valor formativo ou de sua importância política (administrativa, diplomática, militar), pode-se imaginar que [os conhecimentos] sejam postos em circulação segundo as mesmas redes da moeda [...] (LYOTARD, 1986, p. 7).

Diante desse quadro instável, mais interessado que interessado, terreno movediço, como constituir um sujeito *a priori* para ser objeto das práticas pedagógicas? A atitude seria incoerente em relação, por exemplo, à questão contemporânea da produção das subjetividades; seria uma formação essencialista, avessa ao paradigma discursivista. Urge refletir sobre os processos formativos, o que implica em discutir o sujeito da educação e suas fontes de constituição.

Nossa reflexão, portanto, representa um esforço em redimensionar questões docentes individuais num contexto social bem mais amplo, para que os alunos/professores em formação possam: encontrar o lugar desse processo e sua articulação na dinâmica de suas vidas; ouvir a própria voz; e contextualizar suas experiências, ao longo das quais se formam identidades e subjetividades (JOSSO, 2004).

O campo da formação de formadores não pode limitar-se apenas às dimensões técnicas e tecnológicas e necessita de uma compreensão mais profunda dos processos por meio dos quais as pessoas se formam (JOSSO, 2004).

E, simultaneamente, rever pensamentos e propostas de atuação em sala de aula, com ênfase nas aulas de leitura de literatura e adequá-las às demandas da contemporaneidade, a que chamamos, com Lyotard, a condição pós-moderna; condição que clama, em lugar da confortável rigidez e da segurança das certezas, pelo desconcerto da diversidade, fluidez, caráter provisório das possibilidades e dissolução de propostas e tendências que não mais dão conta do presente. Retomando a análise de Boaventura (2010) – o presente precisa

ser alargado, expandido, para a emancipação social –, acrescentamos a ressalva do sociólogo, sempre atentando para o fato de a educação emancipatória não se tornar outra forma de opressão.

Nas sociedades pós-colonialistas, formadas no modo de produção capitalista, toda a atenção é necessária para percebermos a condição paradoxal que hoje nos é imposta: a de prisioneiros em liberdade, vivendo no princípio sem princípios da livre-troca. Não obstante, os autores chamam a atenção sobre o dado de que o pós-modernismo tem contribuído para esse estado permanente de alerta, para a consciência do gesto ambíguo de se marginalizar o diferente quando buscamos a valorização da diferença; de calar as vozes dos outros em tempos de concertos polifônicos; para a tendência a uma racionalidade técnica, ocidental, hegemônica e opressiva, em tempos de razão cosmopolita; para o retorno da mistificação, já tendo sido considerada a era da reprodutibilidade técnica. O debate pós-moderno estimula a escuta para algumas críticas necessárias à construção modernista do pensamento e da sociedade.

Dentre os autores que estudam o tema no contexto da educação, trazemos ainda Tomaz Tadeu (op. cit. MELLO, 1994) quando aceita a contribuição da crítica pós-moderna no seu questionamento da noção de sujeito, consciência e subjetividade. Afirma que o pensamento pós-moderno pode contribuir para a teoria educacional que ainda está em construção na medida em que for visto de forma crítica e contribua para aprimorar a teorização educacional crítica. Entretanto, na medida em que esse pensamento representa uma regressão em relação ao projeto de crítica radical das divisões sociais, deve ser criticamente rejeitado; assim como na perspectiva de Boaventura, o pós-moderno, em sua versão celebratória, não compõe com a proposta emancipatória e por isso torna-se inviável. Não temos como separar o pós-moderno de uma práxis política.

Na pós-modernidade, a formação precisa incluir, no seu projeto, a preparação para a vida nas culturas plurais, sociedades multifacetadas, desiguais e num mundo informático e informacional em constante mudança. O novo inclui a obsolescência, a originalidade é menos invenção que negação, como já prenunciava Poe (1986) em pleno século XIX.

A formação de formadores deve considerar que está valendo mais a capacidade de entender o que ocorre ao redor de si e consigo, em detrimento da aquisição mecânica de uma habilidade técnica que rapidamente torna-se obsoleta. O conhecimento não se presta mais a uma compartimentalização redutora em tempos de alargamento de fronteiras. Ao mesmo tempo, é urgente ampliar o olhar e cultivar a abrangência – que não deve ser confundida com visão totalizadora/totalitária – para que as diferenças, discordâncias, desigualdades, tradições sempre estejam presentes no cenário e sejam experienciadas como forças produtivas da contemporaneidade. De acordo com Scharzman,

Na perspectiva pós-moderna, o mundo já teria superado os tempos do iluminismo, e com eles a crença no poder da razão, nas promessas do futuro e na valorização da ética do trabalho e do desempenho. A razão, desenvolvida nas ciências e transmitida pelos sistemas escolares, ter-se-ia revelado uma forma disfarçada de exercício do poder, e, além de tudo, incapaz de apreender a verdadeira natureza das coisas; a tecnologia, sua filha bastarda, estaria destruindo o meio ambiente, substituindo a mente pelos *mass-mídia* e ameaçando de destruição a própria humanidade. O futuro, que o iluminismo apresentava como inteligível em suas leis e conquistável pelo trabalho, agora se apresentaria como incerto e sombrio. Não só o capitalismo agonizaria, mas também seu alter-ego, o socialismo. Se a razão aliena e o futuro inexistente, e se Deus já foi há muito declarado morto, tampouco faria sentido fixar metas na vida, postergar desejos, perseverar (SCHARZMAN, 1997, p. 1).

Identificamos a postura de Scharzman como niilismo consumado, passivo, o qual propomos substituir pelo que Vattimo (1996), o filósofo da pós-modernidade, chama niilismo ativo. Para a condição pós-moderna e os processos formativos, propomos a dinâmica da dissolução e transformação dos eventos para transformar, em ação, o aturdimento e a paralisia do *Angelus Novus* (de Klee e de Benjamin).

Se o pós-modernismo não se constitui como uma visão coerente e organizada do mundo, nem pode ser descrito e conceituado de forma precisa, isto não se configura uma exceção na contemporaneidade. Hoje, as categorias são, por excelência, fluidas, impermanentes, por conta da aceleração das mudanças. Aliás, os valores eternos e imutáveis, se é que em algum momento histórico existiram como tal, foram instituídos artificialmente – por imposição, coerção, poder. A eternidade se produz na mudança, não na estagnação ou manutenção do *status quo*.

Provavelmente, o desconforto do termo pós-moderno e derivados seja por representar justamente o conjunto de imprecisões, ambivalências, incoerências, impossibilidades com que nos defrontamos a cada momento e nos asseguram – ferida no narcisismo – a nossa própria impotência diante dos eventos do mundo. Ao mesmo tempo, a consciência da impossibilidade pode tornar-se um estímulo para tornar possível alguma transformação – já que a densidade do sólido inclui a inconsistência e a eternidade possível vem na constância do movimento.

Pelo exposto, e num esforço de organização que não destitui a condição ambivalente, fluida do pós-moderno, no final deste trabalho voltamos ao tema de nossas epígrafes. Elas estavam sempre presentes, em torno, dentro/fora, duradouras e efêmeras, efemeridade que desconstrói a manutenção do poder, a eternização do mesmo e compõe com a condição social emancipatória, no sentido que nos fala Boaventura (2000). Retomamos, então, Nicolau Sevcenko, quando diz ser uma vantagem e um alívio “[...] que o pós-moderno se apresente como um castelo de areia e não mais como uma nova Bastilha, um novo Kremlin, um novo Capitólio. Apenas um castelo de areia [...] inconsistente, provisório, tal como todo ser humano” (SEVCENKO, 1995, p. 55).

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo e outros ensaios**. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- AUGÉ, Marc. **Não lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. 8 ed. Campinas, SP: Papirus, 2010.

- BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências econômicas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- \_\_\_\_\_. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BHABBA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política**. Trad. Sergio Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BORGES, Jorge Luis. Evangelhos apócrifos. In: \_\_\_\_\_. **Elogio da Sombra**. Porto Alegre: Globo, 2001.
- ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- EAGLETON, Terry. As ilusões do pós-modernismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- FONTOURA, Helena. (Org.) **Formação de professores e diversidades culturais: múltiplos olhares em pesquisa**. Niterói: Intertextos, 2011.
- GIROUX, Henry A. O pós-modernismo e o Discurso da Crítica Educacional. In: SILVA, Tomaz Tadeu. **Teoria Educacional crítica em tempos modernos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomás Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque de. Políticas da teoria. In: \_\_\_\_\_. (Org.) **Pós-modernismo e política**. Rio de Janeiro: Rocco, 1991. p.7-14.
- HUYSEN, Andreas, Mapeando o pós-moderno. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (Org.) **Pós-modernismo e política**. Rio de Janeiro: Rocco, 1991. p. 15-80.
- IROUX, Henry A. O pós-modernismo e o Discurso da Crítica Educacional. In: SILVA, Tomaz Tadeu. **Teoria Educacional crítica em tempos modernos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- JAMESON, Fredric. Periodizando os anos 60. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (Org.) **Pós-modernismo e política**. Rio de Janeiro: Rocco, 1991. p. 81-126.
- \_\_\_\_\_. **Pós-modernismo: A lógica cultural do capitalismo tardio**. São Paulo: Ática, 1997.
- JOSSO, Marie Christine. **Experiências de vida e formação**. Pref. Antonio Nóvoa. São Paulo: Cortez, 2004.
- LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. Tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- LYOTARD, Jean-François. **O pós-moderno**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.
- MARCOS, Luis Rojas. La ciudad y sus desafíos (Héroes y Víctimas), op.cit. Octávio Ianni. In: A cidade Global, **Revista Vozes**, ano 88, n.º 2, março-abril de 1994, Petrópolis, RJ.
- MELLO, Elton Rezende de. **Pós-modernismo e educação (1994)**. Disponível em: <http://www.elsonrezende.hpg.ig.com.br/artigos/posmoder.htm>. Acesso em 25-04-2011.
- MORIN, Edgar. Conferência *Une pensée Du Sud*, pronunciada na Academia Brasileira de Letras, com Cícero Sandroni e Cândido Mendes, 14-07-2009.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. A categoria de (des)ordem e a pós-modernidade da Antropologia. In: \_\_\_\_\_ et al.. (Orgs.) **Pós-modernidade**. São Paulo: Unicamp, 1995.
- POE, Edgar Allan. A filosofia da composição. In: **O corvo**. São Paulo: Expressão, 1986. p. 59-72.
- PECORARO, Rossano. **Nilismo e (pós) modernidade**. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2005.
- SANTOS, Boaventura Sousa. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. São Paulo: Cortez, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Porto: Afrontamento, 1989.

\_\_\_\_\_. Por uma sociologia das ausências. Disponível em: [http://www.ces.uc.pt/bss/documentos/sociologia\\_das\\_ausencias.pdf](http://www.ces.uc.pt/bss/documentos/sociologia_das_ausencias.pdf). Acesso em: 22-04-2011.

SEVCENKO, Nicolau. O enigma pós-moderno. In: OLIVEIRA, Roberto Cardoso et al. (Orgs.). **Pós-modernidade**. São Paulo: Unicamp, 1995. (artigo originalmente publicado, sob o título 'Provisório is beautiful', **Folha de São Paulo**, Folhetim, nº434, 12-05-1985)

SCHARTZMAN, Simon. **A Redescoberta da Cultura**. São Paulo, EDUSP, 1997. Versão revista de palestra preparada originalmente para o "Seminário Nacional de Literatura, Educação e Pós-modernidade," organizado pelo Centro de Pesquisas Literárias do Curso de Pós-Graduação em Linguística e Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1988. Disponível em: [ <http://www.schwartzman.org.br/simon/redesc/moder.htm>]. Acesso em 25-04-2011.

SCHOLLLHAMMER, Karl Eric. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2009.

SILVA, Tomaz Tadeu. O Adeus às Metanarrativas Educacionais. In: SILVA, T.T. (Org). **O sujeito da Educação: estudos foucaultianos**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

SOUZA, Elizeu Clementino de. O conhecimento de si, as narrativas de formação e o estágio: reflexões teórico-metodológicas sobre uma abordagem experiencial de formação inicial de professores. In: ABRAHÃO, Maria Helena Mena Barreto. (Org.). **A aventura (auto)biográfica: Teoria e Empiria**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

VATTIMO, Gianni. Niilismo e pós-moderno em filosofia. In: **O fim da modernidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

*Recebido em 24.05.2011*

*Aprovado em 10.08.2011*